

Indícios de Ouro

ZAGORIANSKY

POR

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

PORTO



*Este morreu jovem, porque os
Deuses lhe tiveram muito amor.*

FERNANDO PESSOA

Numa efêmera «revista mensal de crítica, literatura, arte, ciência», chamada *A RENASCENÇA*, cujo proprietário e director era Carvalho Mourão, e no n.º 1.º, referido a Fevereiro de 1914, publicou Mário de Sá-Carneiro um «fragmento» *ALÉM*, de Petrus Ivanovitch Zagoriansky. Este Zagoriansky é uma personagem inventada, que constitui o fulcro da novela *ASAS*, mais tarde incluída em *CÉU EM FOGO*, do mesmo modo que o supracitado fragmento e ainda outro. O fragmento agora republicado não ficou pois esquecido numa revista que ninguém conhece e poucos terão por certo conhecido mesmo quando era publicada; mas não menos jaz perdido na edição raríssima (de fins de Abril de 1915). O que ficou na revista foi a «nota» explicativa em que Sá-Carneiro promete narrar no seu «próximo volume» a «perturbadora história» de Zagoriansky, esse «extraordinário artista, poeta admirável, legítimo criador duma Arte inteiramente nova». Na revista e no volume, a data do «fragmento» é a mesma: Paris-Janeiro de 1913. O outro fragmento está datado também de Paris, mas de Março, enquanto a novela *ASAS* tem data de Camarate — Quinta da Vitória, Outubro de 1914. Os poemas de *DISPERSÃO*, à excepção do primeiro, que é de Fevereiro de 1913, são todos de Maio deste ano. Dos poemas de *INDÍCIOS DE OURO*, só uns cinco ou seis são anteriores à publicação de *ALÉM*.

Ora, deste acervo de datas acima indicado, pode concluir-se que o fragmento em causa precede imediatamente toda a poesia de Sá-Carneiro, se considerarmos como ainda não *dele* os inéditos-prímicias, recentemente revelados na revista *ACTO*, e datados de 1911.

Segundo Sá-Carneiro, «a Arte do russo residia no timbre cromático ou aromal do som de cada frase

e no movimento peculiar a cada «circunstância» dos seus poemas». Descontada a fraseologia pretensamente impressionista, tão típica de Sá-Carneiro e de todas as revistas efêmeras do seu tempo, isto aplica-se quase exactamente, como é óbvio, ao poeta extraordinário que Sá-Carneiro se preparava para ser. E o dizê-lo de um «outro» que se inventa é muito daquela geração com os seus Caeiros, Campos, Violantes de Cisneiros, etc., etc., admiravelmente teorizados no «Ultimatum» de Álvaro de Campos. Simplesmente a heteronímia, tão plena e vitoriosamente conseguida por Fernando Pessoa, como expiação da *alteridade* do mundo moderno que nele próprio se espelhava, era em Sá-Carneiro menos um «movimento peculiar a cada «circunstância» dos seus poemas», que em Pessoa o foi; e mais, de facto, o timbre desesperado de uma alteridade irresoluta — «eu não sou nem sou o outro». E irresoluta, por profundamente inserta na própria natureza do poeta e não na da sua poesia, que, miraculosamente, com uma originalidade que ninguém no mundo pode disputar-lhe, transformou em imagens fulgurantes, de um equilíbrio que só certo dandismo perturbou, a mais trágica consciência de frustração que já houve em Portugal. Esse sentido do inenarrável *aquém*, desesperadamente traduzido em cromatismos e aromatismos epocais; a consciência de uma dualidade que, por não dicotomizada, não permite a posse; a lúcida angústia do poeta ao qual, num mundo carecido, a própria poesia não chega... — não, nem tudo isto dá de Sá-Carneiro uma imagem pálida. «Mastros quebrados singro num mar de ouro...» — isso sim, que é uma coisa que nem toda a gente merece.

Lx. 14/12/852.

JORGE DE SENA

ZAGORIANSKY

Foi em Outubro de 1912, poucos dias depois da minha chegada a Paris — onde fora inscrever-me na Faculdade de Direito — que eu conheci Petrus Ivanovitch Zagoriansky, natural de Moscou, cuja perturbadora história narrarei no meu próximo volume. Extraordinário artista, poeta admirável, legítimo criador duma Arte inteiramente nova — o seu convívio íntimo dalguns meses teve uma influência poderosa sobre a minha evolução literária. Por desgrça, desse artista genial apenas nos resta o texto que hoje publico. Zagoriansky nunca imprimira coisa alguma, e numa crise súbita de loucura destruiu (?) todas as suas obras que formavam um único Poema e que eu fui um dos raros a conhecer. A sua loucura muito estranha deixou perplexos os alienistas que o examinaram. Perdidas todas as esperanças, a sua família, que habita Paris, internou-o numa casa de saúde próxima de Meudon. As últimas notícias que recebi do desventurado dão-no como gravemente enfermo duma tuberculose muito adiantada. Julguei pois ser ocasião de publicar o único fragmento que escapou do Poema. Petrus Ivanovitch confiara-me a cópia dactilografada deste trecho, que ele próprio traduzira literalmente para francês e que eu — sob a sua direcção — adaptei ao português, esforçando-me por manter o ritmo do original e as mesmas consonâncias. De resto, mais do que no *sentido*, a Arte do russo residia no timbre cromático ou aromal do som de cada frase e no *movimento* peculiar a cada «circunstância» dos seus poemas. Embora a sua grande beleza, a minha interpretação está — bem entendido — muitíssimo longe da maravilha em sugestão rítmica que era o texto russo de Zagoriansky.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Edição privada
FORA DO MERCADO

•
Tiragem de 30 exemplares

8